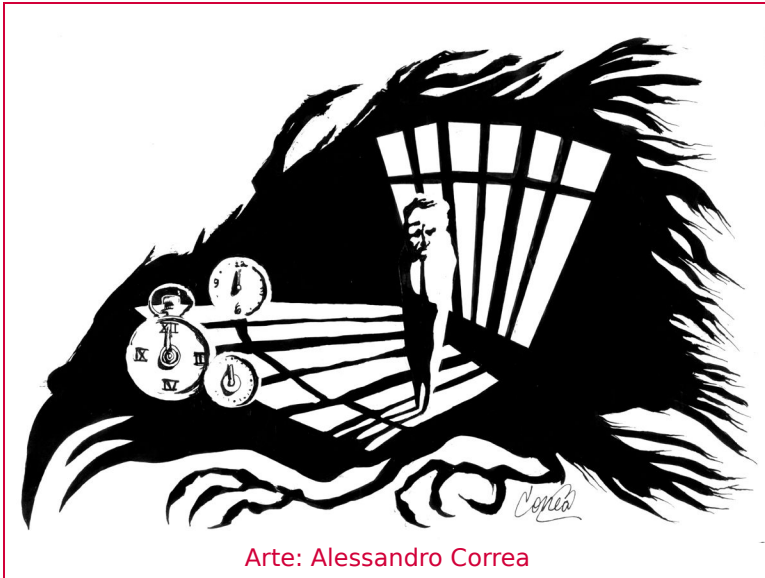


A POÉTICA DE O CORVO EM FERNANDO PESSOA E MILTON AMADO

Luciana Maia Borges¹

É inegável que *The Raven* contém diversos desafios quanto à sua tradução. Por isso mesmo é um assunto até hoje muito abordado por tradutores



Arte: Alessandro Correa

Dentre muitas traduções do poema de Edgar Allan Poe, escolhemos duas para nossa análise: a de Fernando Pessoa e a de Milton Amado. A primeira, de 1924, caracteriza-se por uma maior fidelidade à estrutura métrica da obra. A tradução de Amado, publicada em 1943, devido à sua grande criatividade, conseguiu transferir para o português toda a angústia, melancolia e amargura contidas na obra de Poe, respeitando ainda o jogo de rimas, aliterações e efeitos sonoros utilizados pelo autor.

Resumidamente, o poema se passa em um ambiente solitário e triste. O protagonista, que havia acabado de perder sua companheira Lenore (Amado traduziu o nome para Lenora, porém Pessoa só se refere a ela por meio de pronomes ou como “a amada”),

encontra-se no único quarto iluminado de uma enorme casa. No meio de uma tempestade à meia-noite, enquanto estuda, o narrador escuta baterem à sua porta. Abre-a e nada encontra. Em seguida a batida é à janela e, abrindo-a, entra um corvo, a ave do mau agouro, que pousa sobre um busto de Atena, a deusa da arte e da sabedoria. O narrador, triste e melancólico pela morte da amada, chega a achar graça do acontecido. Em tom de brincadeira, pergunta ao corvo como se chama, ao que este, para espanto daquele, responde: “Nunca mais”. A partir daí lança-se a perguntas sucessivas e desesperadas ao corvo sobre se irá um dia rever sua amada, ao que o corvo responde sempre o seu nefasto “nunca mais”.

Quanto ao sentido, ambos os tradutores conseguem verter para o português sem que se perca o significado geral do poema. As mudanças de vocabulário se dão para enquadrar a tradução dentro do estilo de rima, métrica e sonoridade utilizado por Poe. Fazer isso era de extrema importância, já que para o autor, o que na verdade interessava era o som e o ritmo alucinante do texto, que vai num crescendo, como o próprio desespero de seu personagem. Ele também diz, em *A Filosofia da Composição*, que o poema foi construído a partir da sonoridade da palavra *nevermore*.

Para André Masini (2005), tradutor contemporâneo do poema, sua poesia tem uma riqueza quase inacreditável de elementos rítmicos e sonoros, tem um ritmo lento, majestoso e sombrio, que aos poucos vai hipnotizando o leitor/ouvinte, e fazendo-o mergulhar na atmosfera de sofrimento, perda e angústia. Ele conclui sobre esse fato que para se traduzir *O Corvo* não se pode ignorar seus elementos rítmicos e sonoros.

Vale ainda lembrar que todos os elementos dentro de um poema são importantes. Rosemary Arrojo (1986) diz que o jogo da leitura poética não deve descartar nenhum fragmento que possa ser empregado na construção de uma interpretação. E continua: Como nesse jogo não há lugar para acidentes ou casualidades, a máquina de significados, em que se transforma um poema no momento

¹ Acadêmica da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

em que é lido, deve tentar incorporar aos seus mecanismos todos os elementos, mesmo aqueles que aparentemente nada significam (p. 52).

Quanto à estrutura do original, *The Raven* é composto por 18 estrofes idênticas, todas com seis versos. Cada um desses tem sempre as mesmas características: os versos 1 a 5 têm 14 sílabas, com cesura; já o sexto é um heptassílabo. Dentro dessa estrutura, durante todo o poema, é perceptível o intenso uso de aliterações e assonâncias, rimas e repetições homófonas, o que dá ao texto uma cadência e um “clima” sonoro dos quais decorre grande encantamento.

Daí surgem as várias discussões sobre a dificuldade de se traduzir *The Raven*. O último verso de cada estrofe, *Nothing more/ Never more*, é considerado um problema para muitos tradutores de várias línguas. Felizmente, isso quase não ocorre na tradução para o Português. Segundo Ivo Barroso em seu livro *O Corvo e suas traduções*: “Nesse ponto crucial, os tradutores da língua portuguesa tiveram mais sorte, pois os nossos ‘*Nada mais/ Nunca mais*’, além de começarem com as mesmas consoantes, têm a cadência equivalente, embora lhes falte aquela soturnidade que resulta da oclusão dos oo” (p. 13).

As traduções de Fernando Pessoa e Milton Amado

Pessoa mantém a mesma estrutura do original: o mesmo número de sílabas (apesar de o texto traduzido parecer menor) e também as rimas em posições equivalentes. Esse fato explica o porquê do poeta ter omitido o nome de Lenore, como, por exemplo, na segunda estrofe:

Ah, distinctly I remember, it was in the bleak December,
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; - vainly I had sought to borrow
From my book surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore -
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore -
Nameless here for evermore.

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
Pra esquecer (em vão) a amada, hoje entre hostes celestiais -
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Pessoa também faz uso de aliterações, como a repetição da consoante t em “lia, lento e triste”, continuando em “tomos”, “ancestrais”, “batia levemente”, “Uma visita”, “está batendo” e “É só isto”, todos na primeira estrofe:

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, ‘stá batendo a meus umbrais.
É só isso, e nada mais.

Porém, Pessoa utiliza rimas um tanto quanto fáceis, segundo Barroso: “A rima tríplice “adormecia”, “parecia”, “batia” é de ingênua facilidade, e surpreende constatar que, ao longo da composição, para resolver esse problema, um poeta da categoria de Pessoa lance mão de recursos tão canhestros quanto os da utilização de gerúndios e pretéritos, esbarrando na banalidade” (p. 19).

Barroso também apresenta o problema da leitura do poema por brasileiros, pois, apesar de expressões como “Como eu qu'ria a madrugada”, “aquela bulha é na minha janela” e “o bordão de desesp'rança” soarem normais aos ouvidos portugueses, aos brasileiros podem soar um tanto estranhas.

Amado optou por versos de dezesseis sílabas, respeitando as rimas internas e conseguindo um excelente resultado na reprodução dos elementos rítmicos menores. Vejamos sua tradução na primeira estrofe:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.
" 'Tis some visitor", I muttered, "tapping at my chamber door –
Only this and nothing more."

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,
a ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,
e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,
tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar.
"É alguém - fiquei a murmurar - que bate à porta, devagar;
Sim, é só isso e nada mais".

No original, há o adjetivo duplo aliterativo “weak and weary” qualificando o poeta. Amado preferiu usar “erma e sombria” qualificando “meia-noite”, mas, como no original, também se encontra no final do verso. O som /e/, como no poema de Poe, está presente nas palavras “vez”, “refletia”, “meia-noite”, “erma” e daí por diante. Também como no original há as rimas tríplices (“adormecido”, “ruído”, “batido”) e aliteração da consoante t (“refletia”, “noite”, “doutrinas”, “tempo”, etc).

Apesar de não haver a onomatopéia dos verbos monossilábicos “rap”, “nap” e “tap”, Amado conseguiu o sussurro do s em “curiosíssimos”, “houvesse” e, no último verso, o “Sim” foi introduzido para reforçar o efeito.

Ele também introduziu outros apoios sonoros inexistentes no original a fim de que se compensasse certas perdas inevitáveis na tradução.

Em A Filosofia da Composição, Poe afirma que o poema foi construído a partir da sonoridade da palavra nevermore

É inegável o fato de The Raven ser uma obra que contém muitos desafios no que se refere à sua tradução. E é por isso mesmo que tem sido um assunto até hoje muito abordado por muitos tradutores, pois, como declara Ivo Barroso, “O Corvo, com o seu virtuosismo formal explícito, com as suas rimas internas e aliterações inumeráveis, com o seu refrão obsessivo, não podia deixar de atrair, pelo visível mesmo de suas dificuldades, o interesse dos tradutores” (p. 7).

Devido a isso, hoje podemos encontrar várias traduções feitas para a língua portuguesa, cada uma com suas peculiaridades dignas de análise. A escolha feita pelas duas aqui estudadas é devida a uma preferência pessoal, sem pretender o desmerecimento das muitas outras. Entretanto, a meu ver (e concordando com Barroso), aquela feita por Milton Amado é a que mais chega perto de todos os recursos rítmicos e sonoros contidos no poema de Poe. Também é possível ver uma maior fidelidade interna nesta. As razões para isso podem se explicar através das palavras de Barroso: “Milton, esmagado pelo ambiente estreito da província, encontrou em Poe a realização absoluta de seu gênio. Sua vida era bastante semelhante à dele, com todo o amargor das incompreensões e da falta de dinheiro. Traduzir sua poesia foi uma forma de afirmar-se, uma espécie de identificação” (p.24).

Obviamente essa é uma opinião pessoal. Assim é preciso ressaltar a importância de cada uma das traduções, inclusive das que ainda estão por vir. O que importa aqui, além da própria discussão sobre o assunto, é, principalmente, reconhecer o fato de que tão grande escritor, como o é Edgar Allan Poe, foi (e continua sendo) celebrado durante décadas por grandes especialistas na arte da tradução.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução – A teoria na prática*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MASINI, André. *O papel e a importância da métrica regular na poesia; a tradução da poesia metrificada* [Palestra proferida na Casa da Palavra de Santo André, SP, no dia 27/06/2002]. Extraído do site <http://www.casadacultura.org> no dia 13/06/2005

POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Organizados, traduzidos e anotados por Oscar Mendes com a colaboração de Milton Amado. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

POE, Edgar Allan. *O Corvo e suas traduções*. Organização: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.

